Estórias da vida

Texto: Carla Nogueira
Fotos: Virgínia Ferreira

Fernando Campos Castro descobriu muito cedo a sua paixão pela escrita. Dedica-lhe todos os dias uma parte significativa do seu tempo, em poesia, prosa ou letras de canções. Os sentimentos humanos como a dor, o amor, o ódio e a perda são temas recorrentes na sua obra. Como observador atento vai traçando o perfil das pessoas que vai conhecendo, escrevendo algumas das suas estórias.

Fernando Campos Costa é um autor, já com uma significativa obra nos mais diversos géneros literários. Tem dois romances publicados *"Memórias de um cão aposentado"* e *"Com hora marcada"*, três livros de poesia *"Na solidão das horas"*, *"O futuro era ontem"* e *"Violação da noite"*, dez peças de teatro e várias centenas de letras de canções, nomeadamente de fados. Tem mais de 500 poemas escritos, muitos deles já gravados por nomes como Natércia Maria, Maria Amélia Canoça e Beatriz da Conceição. Sobre Amália Rodrigues tem um episódio marcante. Escreveu-lhe um dia a oferecer um poema sobre os últimos dias da sua carreira, sob o título *"Daqui a pouco"*. Quis de alguma forma homenagear a mulher e a voz que tanto admirava. E foi com muita emoção que recebeu a resposta, que ainda hoje guarda, como um tesouro. A fadista agradeceu-lhe e confessou *"que muitas dos sentimentos descritos no poema eram bem seus, até parecia que ele a conhecia bem"*, refere. É provavelmente essa busca de estar mais próximo dos sentimentos humanos, do que preocupa e controla a vida das pessoas que motiva Fernando Campos Castro. Uma "demanda" que se mostra em palavras sob a forma de poesia, prosa, teatro ou canção.

Um prémio inesperado

"Com hora marcada" foi o seu romance mais simples de escrever e o mais bem recebido, devido à temática e à linguagem de algumas personagens, bem como a crueldade dos actos praticados. A vida na prisão e o mundo de *"fantasmas"* de alguns crimes cometidos pelos prisioneiros são a base desta estória que nos dá a conhecer Lucinda e Rogério. Duas personagens com percursos trágicos e que se encontram numa tentativa de construírem uma nova vida. O confronto destas duas realidades é devastador e marcante e convenceu o júri a atribuir ao romance o prémio literário Adolfo Casais Monteiro. Foi com surpresa, emoção e algum receio que o autor recebeu a notícia. Um misto de sentimentos contraditórios para quem nunca concorreu a um prémio literário e viu o seu trabalho reconhecido.

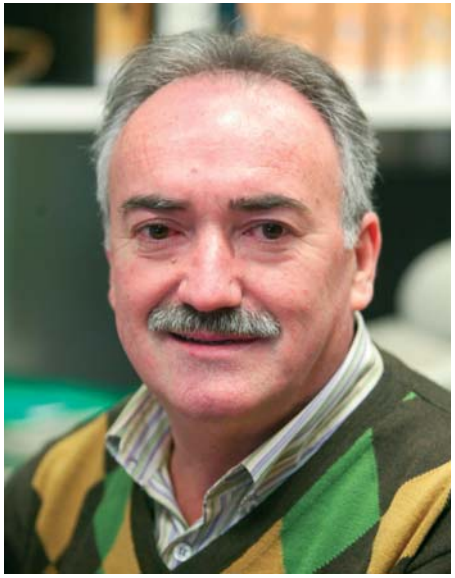
As peças de teatro surgiram na década de 90 fruto de um convite de uma associação de Paranhos. Escreveu uma peça e desde então, do seu currículo, já fazem parte mais de uma dezena. *"O Auto da desprezada"*, *"Porto em revista"* e o *"Cais da Solidão"* são alguns dos títulos que subiram ao palco. Este último trabalho valeu-lhe, em 2000, o prémio de melhor revista no Teatro Sá da Bandeira e, desde então, não tem parado de escrever.

Fernando Campos Castro vive no Porto, desde muito jovem. Nasceu em Vila Nova de Gaia, em 1952, mas reside em Paranhos, há já muitos anos, freguesia a que está muito ligado, afectivamente. Quando jovem estudou num seminário para prosseguir os estudos, mas acabou por abandonar a instituição, ao fim de três fugas. Conseguiu convencer os pais de que não gostava de estar fechado numa *"instituição tão rígida, cheia de horários e obrigações"*. Na verdade tinha muitas saudades de casa, dos pais e dos nove irmãos.

Há algumas situações caricatas, ou de grande emoção, que fazem parte da vida do escritor. Conta que depois de deixar o seminário quis arranjar emprego para ajudar a família. E como o pai tinha vergonha de pedir favores, decidiu tomar ele a iniciativa. Pegou nalguns contactos do pai e escreveu três cartas a pedir emprego, tendo recebido resposta a todas elas.
A publicação do seu primeiro livro de poesia também tem uma história engraçada. Ao que parece, Fernando Campos ao saber que a obra do padre David em Braga, destinada a crianças carenciadas, estava a precisar de dinheiro, decidiu enviar um livro seu para a instituição publicar e ficar com os lucros obtidos. Esta foi a forma encontrada para ajudar o projecto. De uma edição de 2500 exemplares não sobrou um único livro, incentivando-o a continuar a escrever.
O seu primeiro livro de poesia surgiu nesse período, embora confesse que nessa altura não lia muito. Afirma que gostaria de ter sido professor, o que não veio a acontecer. Trabalha hoje como administrativo numa empresa, ligado à área de contabilidade, mas dedica várias horas do seu dia às "letras", seja a poesia, o teatro, os livros para a infância ou os romances.

Escrever em dias úteis

Tem o hábito de escrever apenas em horário de expediente, nas horas mortas, dedicando-lhes apenas esse tempo disponível. Mas a sua vontade de comunicar e de transmitir as suas impressões do mundo obrigam-no a escrever com regularidade. *"É mais do que uma necessidade, é uma forma de estar",* salienta. Aos fins-de-semana consegue desligar-se dos seus livros e textos, fazendo-o também nas férias, pois precisa desses momentos para relaxar e aproveitar para fazer coisas de que



gosta. Ver televisão, principalmente séries e filmes, é um dos seus passatempos favoritos.
É um pouco caótico no processo de criação. É capaz de estar simultaneamente a fazer um romance, um poema e interromper a tarefa, por 10 minutos, para desenvolver os versos para uma canção ou elaborar uma deixa para uma peça de teatro. *"É uma mistura diabólica"*, refere, rindo. Mas é certo que vai redigindo com dedicação o que escreve e necessita com frequência de fazer pausas, de forma a abstrair-se de determinadas personagens. Quando escreve, "vive" muito daqueles sentimentos, experimentando-os "na pele" como se fossem seus. Desconhece ainda hoje como lhe surgem as ideias, mas a verdade é que quando começa qualquer um dos seus textos, seja um poema, romance ou peça o final está desde logo definido. Muitas das figuras dos seus textos são pessoas anónimas que vai observando na rua e sobre as quais procura imaginar as vivências. ■